

PREFÁCIO

A Eneida é um dos grandes poemas da latinidade, e não só da latinidade, mas da humanidade. Poema nacional, escrito de propósito para celebrar as glórias e o passado de Roma — diz-se mesmo que por direta encomenda do imperador Augusto, protetor das Artes e das Letras —, excede as intenções do próprio autor, e os desejos de quem o incitou a escrevê-lo, pelo profundo lirismo de muitas das suas páginas. Nessa narrativa épica revive, observa um crítico: «Roma inteira, a história de Roma desde as suas origens até à batalha de Actium», e ressuscita esplendidamente, «a lenda das velhas raças que tinham originariamente povoado o solo italiano, a religião romana (isto é, naquela época, a religião pagã), os deuses indígenas e os deuses helênicos latinizados, os costumes, e os usos públicos e privados do povo romano.» Tudo isso, evocado e contado num estilo perfeito e de comovente e persuasiva simplicidade, se encontra n'A Eneida. Virgílio levou trinta anos a compor os doze mil versos do poema célebre. Não perdeu nunca, porém, durante tão largo espaço de tempo, o fio condutor da sua

epopeia, nem a emoção íntima do entusiasmo do poeta pela terra natal.

Ao lado de A Odisseia e de A Iliada, A Eneida é indispensável viático de quantos querem penetrar e compreender a alma da civilização greco-latina antes da era cristã, da civilização que foi e tem sido sempre, através dos séculos e juntamente com o imenso influxo do cristianismo, a suprema força plasmadora e educadora do nosso mundo. Chega até a afirmar-se, e essa afirmação é de certo modo justificada, que mesmo o advento do cristianismo — não n'A Eneida, mas numa poesia solta — é profetizado por Virgílio no verso conhecido, em que anuncia uma nova era: «magnus ab integro seclorum nascitur ordo» (uma nova ordem vai nascer).

N'A Eneida, porém, Virgílio é um vate, um poeta patriota. A orientação do poema fica patente e claríssima, e a sua inspiração bem revelada, nos três versos do conselho de Anquises, a Eneias, quando este o visita nos Infernos e Anquises lhe vaticina o futuro dos seus descendentes, os Romanos:

«Tu, romano, lembra-te de submeter os povos ao teu império. Essa é a tua missão: impor as leis da paz, poupar os vencidos, e domar os orgulhosos.»

A nobre aspiração da Roma imperial, sobretudo da gloriosa época de Augusto, aí está condensada e contida toda. E, pelo seu alcance e significado, embora nunca pela febre de domínio e de violência, não deverá ser ambição igual àquela que ao vencedor de povos e pátrias compete sempre manifestar e realizar?

Parece que Virgílio, sentindo que morria antes de ter completado e corrigido A Eneida, como tencionava e desejava, resolveu destruir o poema. Julgava a sua obra ainda imperfeita. Os seus amos, aos quais pedia para cumprir essa última vontade, não se atreveram a executá-la, felizmente.

A Eneida — lida, imitada, traduzida, espalhada e divulgava em toda a parte — atravessou a decadência romana, e veio até nós trazendo a claridade imperecível do génio latino. Se, depois da sua morte, os admiradores de Virgílio lhe prestaram culto a ponto de erguer-lhe altares em sua honra (um, pelo menos, Silius, assim o cumpriu), a posteridade não lhe negou também o preito merecido e devido. A Eneida é um modelo de estilo, de composição, de inspiração, e de puro e elevado lirismo patriótico. Tinha o seu lugar marcado nesta coleção de obras-primas, o poema da fundação de Roma e da Itália, mãe comum de todos os povos que na civilização e na cultura mediterrânicas beberam e respiraram os seus primeiros hálitos de vida.

I

A TEMPESTADE

Aqui vão ser contadas as viagens, as lutas, as misérias e as vitórias de Eneias, desse herói que, expulso de Troia, sua terra natal, depois da cruenta guerra de dez anos, primeiro que todos os seus compatriotas desembarcou em Itália, nas praias de Lavínio. Juno, deusa que por vingança o perseguia, fê-lo passar aflições e atribulações de toda a casta. Mas, enfim, Eneias dominou a má sorte, e naquelas praias fundou uma grande cidade. Lá se criou a raça latina, ali nasceram os reis de Alba, ali se ergueram as muralhas da soberba Roma.

A vingança de Juno — de que proviera, em suma? Do medo de que os descendentes da gente troiana, quer dizer os futuros Romanos vencessem um dia os Cartagineses, povo seu protegido no Norte de África. Não se esquecia também de que o célebre julgamento em que o troiano Páris teve de sentenciar quem era, entre Juno, Minerva e Vénus a mais linda deusa, Vénus fora escolhida. E além disso Juno via sempre em Eneias o filho de uma rival odiada, pois Eneias era filho de Vénus. O certo é que, por estas e outras razões, os pobres Troianos tinham sido por ela

destinados e condenados a sofrer calamidades e catástrofes terríveis.

Vindo de Troia, saqueada, incendiada e destruída pelos Gregos — Troia era situada na Ásia Menor, como se sabe —, Eneias e os seus companheiros tinham aportado à Sicília. Da Sicília ei-los a caminho da Itália. Mar tranquilo, vento brando, céu azul. Do alto Olimpo, Juno contemplava essa viagem tranquila e desesperava-se. Pois quê? Os Troianos conseguiriam alcançar as terras da Itália, fundar Roma, como estava disposto já pelo Destino, e nada de mau lhes aconteceria antes? Não, não podia ser! E então Juno, sem mais delongas, voa até à Eólida, pátria dos ventos, onde os ventos e os temporais estão todos presos e seguros em cárceres fortíssimos, à ordem do seu rei, Éolo. Éolo não os poupa a castigos e reprimendas constantes, de tal modo eles são rebeldes e impetuosos.

De outro modo, revoltas graves estalariam a cada momento.

Chegada ali, Juno suplica ao despótico soberano que desencadeie um furacão bravíssimo, capaz de submergir e destroçar as naus de Eneias que ao longe navegam, calmas. Logo Éolo, o malvado!, bate com o seu bastão nas rochas onde estão escavados os cárceres dos ventos. Abre-se a prisão e todos os ventos saem, zunindo, bufando, mugindo, galopando, correndo e erguendo ao ar ondas espumantes e alterosas. Rasga-se o mar em abismos sem fundo. Tudo é tumulto e cólera dos elementos. A frota de Eneias é um joguete na agitação desvairada das ondas. A luz do Sol esconde-se. Nuvens espessas e negras cobrem o céu. Trevas densas envolvem tudo, terra, água e firmamento. Os marinheiros gritam, quase nem ouvindo a voz dos pilotos. Sibila o vento nas enxárcias das naus. E do norte e do sul, do ocidente e do oriente, rasgam o ar em estrondos horríveis e sopros infernais, e alastra e cresce a procela. Eneias e os

seus companheiros julgam que não tardará muito a hora aflitiva da morte...

O perigo é tão grande, que o próprio Eneias empalidece e treme no desespero de não poder logo vencê-lo! Suspira em vão, lembrando os horrores do cerco de Troia, receando que outros e piores lhe sucedam. Felizes os Troianos!, exclama, que ficaram ali sepultados debaixo das muralhas soberbas da sua terra natal, por esta combatendo e morrendo sob o olhar orgulhoso e piedoso dos seus pais! Antes esse destino heroico do que perder-se, insepulto, no pêlago, no abismo negro e hiante do mar!...

Mas, gritante e lívido, enquanto Eneias ergue ao Céu as suas queixas, a tempestade aumenta, e o aquilão, batendo furiosamente nas velas pandas dos barcos, aumenta ainda o ímpeto devastador. Levanta as vagas contra a amurada das naus, rasga as velas, quebra os remos, atira os navios ao fundo, levanta-os ao ar, junta as ondas e as espumas em montanhas de água, sobre cujas cristas dançam vertiginosamente as embarcações. E o naufrágio certo... O vento impele três dos navios contra os rochedos, outros encalham na areia. Um dos melhores pilotos da frota, o fiel Oronto, é cuspidado da popa do seu barco, que se afunda, e morre logo afogado. Os outros têm a mesma sorte. E todos a teriam também se Neptuno, Deus do Mar, lá do sossegado e fundo retiro em que vive no mais oculto lugar dos seus domínios, não se apercebesse enfim de que a procela agitava temerosamente a superfície do seu reino, do reino sem fim das águas do mar. Ergue a majestosa cabeça, segura nas mãos o tridente, símbolo da sua majestade, e vê então a frota troiana dispersa ao sabor do temporal, como se Terra e Céu conspirassem contra ela. Neptuno adivinha, reconhece imediatamente, naquele horrível espetáculo, a vontade cruel da vingativa irmã Juno.

ÍNDICE

Prefácio

I. A tempestade	11
II. Partida de Troia.....	25
III. As Harpias	35
IV. Desespero de Dido.....	55
V. As mulheres troianas incendeiam a armada.....	69
VI. Eneias na caverna da Sibila de Cumas	81
VII. Eneias envia uma deputação ao rei Latino	89
VIII. A forja de Vulcano.....	97
IX. Euríalo e Niso	113
X. Turno persegue o fantasma de Eneias.....	129
XI. Morte de Camila.....	143
X. Eneias mata Turno	153
A vida de Virgílio	163